



Influência da Qualidade da Auditoria Independente na Suavização de Resultados das Companhias Listadas no Novo Mercado na B3

Resumo

O estudo teve por objetivo verificar como a qualidade da auditoria independente afeta a probabilidade da suavização de resultados das companhias listadas no Novo Mercado da B3. Foram analisadas 137 empresas, no período de 2016 a 2020, totalizando 478 observações, sendo empregada como *proxy* para a qualidade de auditoria, os honorários pagos aos auditores (*audit fees*), enquanto a suavização de resultados deu-se por meio Modelo de Eckel (1981). Os resultados apontaram que a qualidade da auditoria apresentou relação significativa e negativa com a prática de suavização de resultados das empresas analisadas. Foi possível observar que, em média, a qualidade da auditoria percebida nos honorários pagos aos auditores contribui para a redução da prática de suavização de resultados (lucros). Os resultados dos testes do Modelo Logístico indicaram que a qualidade da auditoria é um aspecto relevante para inibir a prática de suavização de resultados, não rejeitando a hipótese que a qualidade da auditoria percebida nas companhias abertas por meio dos honorários pagos aos auditores tende a reduzir a probabilidade das empresas manipularem resultados contábeis mediante a prática de suavização dos resultados. Assim, conclui-se que uma maior qualidade da auditoria reduz a probabilidade das empresas serem classificadas no grupo de suavizadoras de resultados.

Palavras-chave: Auditoria Contábil. Qualidade da Auditoria Independente. Honorários de Auditoria. Suavização de Resultado.

Linha Temática: Outros temas relevantes em contabilidade.



1 Introdução

A contabilidade desempenha papel relevante para o mercado, pois fornece demonstrações relativas à posição financeira e econômica, bem como informações acerca das operações, dos recursos e das obrigações de uma entidade (Iudícibus, 2010). Assim, a informação contábil pode influenciar as decisões dos diversos usuários (acionistas, investidores, credores, gestores, entre outros), impactando na alocação de recursos e no funcionamento da economia (Paulo et al., 2013).

Para que as informações contábeis sejam úteis e confiáveis, devem possuir aspectos de qualidade, assim, a qualidade da informação pode ser útil para os usuários, como por exemplo, no sentido de contribuir na redução da assimetria da informação entre os principais (acionistas, investidores) e os agentes (gestores), ou ainda entre as empresas e demais stakeholders (Kim et al., 2016; Moura et al., 2017). Contudo, a qualidade da informação pode ser comprometida a depender da adoção de critérios contábeis e decisões operacionais, como por exemplo, o uso de práticas de gerenciamento de resultados (Martinez & Cardoso, 2009). As práticas de gerenciamento de resultados implicam na elaboração e divulgação de informações contábeis diferentes dos que seriam preparados e divulgados sem a adoção de tais práticas. Logo, a adoção de tais práticas compromete a qualidade informacional das demonstrações contábeis divulgadas, e consequentemente, a relevância para os usuários da informação.

Dentre as modalidades de práticas gerenciamento de resultados, tem-se a prática de suavização dos resultados ou *income smoothing*, que pode ocorrer de forma intencional pelo gestor com a finalidade de reduzir a volatilidade (variação) dos lucros, ou seja, torná-los mais lineares (Kazemi & Nouri, 2012). A suavização de resultados deriva da ação do gestor na tentativa deliberada de alterar estes fluxos para cumprir um objetivo privado, como por exemplo, constituir reservas para revertê-las em períodos de queda de lucratividade. Com isso deixa de reportar o desempenho fidedigno da empresa (Sousa et al., 2020). Além disso, a ação pode se motivada por intenções oportunistas, com a finalidade de evitar despertar a atenção dos agentes reguladores, acionistas, investidores e credores (Martinez, 2013). A literatura tem revelado que as companhias de capital aberto utilizam o gerenciamento na forma de suavização de resultados (Rydqvist et al., 2014; Faria & Amaral, 2015).

Nesse contexto, uma das alternativas para reduzir esse possível gerenciamento de resultados, seria por meio da auditoria independente que contribui para melhoria da qualidade da informação contábil. O auditor independente tem como principal função emitir opinião, com segurança razoável, de que as demonstrações financeiras foram elaboradas de acordo com as normas contábeis e legislação aplicável, bem como estão livres de distorções relevantes (Aguilera et al., 2015). A auditoria independente presta um serviço essencial para os usuários da informação contábil, pois contribui para maior transparência, confiabilidade e qualidade das demonstrações financeiras (Bortolon, et al., 2013; Paulo & Martins, 2007).

Estudos em âmbito internacional como Becker et al. (1998), Piot e Janin (2005) e Ruddock et al. (2006) analisaram a influência da qualidade da auditoria independente sobre a qualidade da informação contábil, e concluíram que existe uma relação entre os dois fenômenos. No Brasil, Paulo et al. (2013) argumentam que características da qualidade da auditoria está relacionada com o conservadorismo contábil. Por sua vez, Silva et al. (2016) apontam que a qualidade da auditoria, por meio da métrica *Big Four*, possui relação negativa com o gerenciamento para o aumento do resultado. Santana et al. (2016) constataram que a qualidade da informação contábil nas empresas auditadas pelas Big Four não apresentou níveis de gerenciamento de resultados significativamente diferentes das empresas auditadas pelas demais firmas de auditorias.



As evidências desses estudos anteriores mostram que a qualidade da auditoria pode ser um fator relevante para a redução da prática de suavização dos resultados das empresas. Logo, tem-se uma oportunidade de pesquisa, tendo em vista o papel dos auditores independentes na mitigação do interesse ou não interesse de alterar a situação econômica e financeira das empresas (Dechow et al., 2010). A presente pesquisa busca contribuir com resultados de estudos anteriores sobre a suavização dos resultados no Brasil (Bianchet et al., 2019), como forma de corroborar com a consolidação do tema. Diante desse contexto, tem-se como objetivo de pesquisa **verificar a relação entre a qualidade da auditoria e a prática de suavização de resultados nas companhias brasileiras listadas no Novo Mercado da B3.**

Uma das motivações da pesquisa é o fato de que, grande parte das pesquisas voltadas ao tema focam apenas no tamanho das firmas de auditoria (*Big Four* e não *Big For*) como métrica de de qualidade de auditoria (Silva et al., 2016; Santana et al., 2016). Isso limita a abrangência das evidências encontradas, visto que pode não captar adequadamente a influência da atividade da auditoria, dado que a grande maioria das empresas listadas na bolsa de valores é auditada pelas *Big Four*.

Os principais achados da presente pesquisa apontam que a maioria das empresas suaviza resultados em algum momento e que os honorários da firmas de auditoria tem relação com o nível de suavização. Os resultados da pesquisa mostram que a qualidade da auditoria apresentou relação significativa e negativa com a prática de suavização de resultados das empresas analisadas. Indicando que a qualidade da auditoria reduz a probabilidade das empresas suavizarem seus resultados (lucros). Portanto, depreende-se que honorários de auditoria contribuem para a redução da prática de suavização de resultados. Logo auditoria pode ser considerada um fator determinante na mitigação dessa prática. A pesquisa busca contribuir com a literatura de suavização de resultados ao apresentar evidências da relação entre suavização de resultados e qualidade de auditoria independente mensurada pela *proxy* honorários de auditoria no contexto de empresas brasileiras listadas no Novo Mercado da B3.

O artigo está dividido em cinco partes, contendo, além desta introdução, a revisão de literatura na segunda seção, os aspectos metodológicos na terceira, a apresentação dos resultados na quarta e, na quinta e última, as conclusões e contribuições do estudo.

2 Referencial Teórico

2.1 Suavização de resultados

A suavização de resultados constitui-se em práticas tem por objetivo reduzir a variabilidade dos lucros, seja por meio da antecipação ou postergação do reconhecimento de eventos econômicos no resultado contábil das companhias (Eckel, 1981). Tais práticas ocorrem a partir de uma atuação intencional do gestor que tem por finalidade reduzir a volatilidade dos lucros ou de torná-los persistentes de forma a condizer com as necessidades e os objetivos traçados pela gestão, o que ajuda a melhorar a perspectiva da empresa frente aos investidores (Martinez, 2001; Stoduto et al., 2021).

A suavização de resultados pode ser considerada uma das modalidades das práticas de gerenciamento de resultados, as quais são definidas como um julgamento arbitrário que os gestores utilizam na elaboração das demonstrações financeiras e na estrutura das transações para alterar informações e, conseqüentemente, a percepção dos usuários (Rodrigues & Niyama, 2018). Tal prática é reconhecida com gerenciamento de resultados (Almeida et al., 2012; Leuz, Nanda &



Wysocki, 2003).

Almeida et al. (2012) complementa que a suavização de resultados pode ser classificada em dois grupos, suavização real (não intencional) ou artificial (intencional). A suavização real envolve eventos econômicos que impactam diretamente nos fluxos de caixa da organização. A suavização artificial é a utilização de práticas contábeis na determinação dos *accruals* que não refletem, diretamente, nos fluxos de caixa presentes, mas nos fluxos de caixa futuros. Contudo, ambas modalidades decorrem do interesse dos gestores de suavizar os resultados.

A suavização de resultados possui interpretações conflitantes. Para Scott (2012), esse é o tipo de gerenciamento de resultados mais interessante para gestores avessos ao risco, podendo ser caracterizado como desejável, por refletir estabilidade no andamento dos negócios. Entretanto, é reconhecida majoritariamente como parte de uma atitude gerencial enganosa (Dichev et al., 2013; Kolozsvari & Macedo, 2016), ou ainda, uma forma oportunista por parte dos gestores, que buscam apresentar aos acionistas e potenciais investidores resultados com baixa volatilidade, diferente da realidade (Portulhak et al., 2014).

Como forma de identificar a presença (ocorrência) ou não de suavização de resultados, Eckel (1981) desenvolveu um modelo, partindo da premissa de que as receitas e os custos são lineares ao longo do tempo e, com isso, tendem a crescer ou diminuir proporcionalmente. Quando essa relação linear não ocorre, pode ser um indicativo de interferência dos gestores para suavizar resultados. A relação entre lucro e receita é obtida por meio dos coeficientes de variação do lucro e da receita de vendas. Quando o coeficiente do lucro for menor do que o da receita, demonstra que a organização está interferindo nos lucros suavizando-os de maneira artificial. Portanto, a empresa está usando artifícios para conseguir o resultado desejado.

A suavização de resultados atinge o objetivo privado do gestor de esconder o desempenho real da empresa, contribuindo negativamente para qualidade da informação para usuários (Sousa et al., 2020). Contudo, mecanismos de proteção aos usuários, como por exemplo, a auditoria independente, tem por interesse proporcionar maior confiabilidade e transparência nas atividades organizacionais (Aguilera, 2015), além de possibilitar a mitigação da má representação intencional ou não intencional da realidade econômico-financeira das empresas (Dechow *et al.*, 2010).

2.2 Auditoria independente e qualidade da auditoria

A auditoria independente tem como principal objetivo, verificar se as demonstrações financeiras divulgadas estão de acordo com as normas contábeis no contexto em que a empresa opera (Paulo et. al, 2013), seja por determinação legal ou previsto em estruturas conceituais. Ruddock et al. (2006) declaram que a auditoria pode acrescentar valor às demonstrações financeiras, pois os auditores reduzem a probabilidade de má representação da informação contábil.

Segundo Huguet e Gandía (2016), a auditoria independente possui três subfunções: i) da informação - que melhora a credibilidade das informações contábeis e ajuda a reduzir custos de financiamento; ii) de monitoramento - que ajuda a melhorar a qualidade da informação contábil, reduzindo o comportamento oportunista dos gestores; e iii) de seguro - que garante que os usuários possam confiar nas informações financeiras auditadas por conta da responsabilidade que os auditores assumem ao emitir opinião. Para atender a essas funções, os serviços prestados pela auditoria devem possuir qualidade razoável. Logo, na literatura são encontradas diversas opiniões relacionadas à qualidade da auditoria (DeAngelo, 1981; Lee et al., 1999; DeFond & Zhang, 2014).

Para DeAngelo (1981) a qualidade da auditoria pode ser entendida como a probabilidade conjunta avaliada pelo mercado de que o auditor irá descobrir e reportar distorção do sistema



contábil. Lee et al. (1999) a definem como a probabilidade de que o auditor forneceria uma opinião qualificada quando as demonstrações financeiras contiverem distorção material. Por sua vez, DeFond e Zhang (2014) reconhecem a alta qualidade da auditoria como uma maior garantia de qualidade nos relatórios financeiros.

Ressalta-se que mesmo com décadas de pesquisas e discussão sobre a qualidade da auditoria, ainda há pouco consenso quanto à definição e quais seriam as melhores métricas de mensuração (Knechel et al., 2013). Todavia, dada o papel desempenhando pela auditoria para o funcionamento do mercado e pela falta de convergência encontrada sobre os incentivos que afetam a formação da opinião do auditor sobre as informações contábeis auditadas, os *stakeholders* buscam métricas para avaliar a qualidade da auditoria (Paulo et al., 2013), como por exemplo, o valor cobrado de honorários pelos serviços de auditoria.

DeFond e Zhang (2014) afirmam que a qualidade da auditoria aumenta a credibilidade dos relatórios financeiros, é nessa credibilidade dada as informações contábeis divulgadas reside o valor do serviço de auditoria (Simunic, 1980). Os honorários da auditoria representam a capacidade de fornecer uma asseguarção razoável e independente sobre a confiabilidade da informação contábil. Os honorários da auditoria são utilizados como justificativa para a qualidade de auditoria, pois se espera que eles capturem o nível de esforço do trabalho do auditor (DeFond & Zhang, 2014). Os honorários de auditoria representam o custo do esforço de auditoria e devem aumentar para empresas com qualidade de informação contábil precária, pois espera-se que os auditores trabalhem mais horas para assegurar a confiabilidade das demonstrações financeiras a serem publicadas (Bell et al., 2001). O valor cobrado pela auditoria é definido por meio de fatores como: horas trabalhadas, o risco de litígio dos auditores, má qualidade dos relatórios, entre outros (Bell et al. 2001, Choi et al., 2008, Ghosh & Tang, 2015).

As empresas que são mais propensas a reapresentarem demonstrações financeiras, que possuem ressalvas nos pareceres de auditoria, baixa qualidade dos relatórios financeiros, ou ainda apresentam controles internos frágeis demandam por qualidade maior nos serviços de auditoria prestados, consequentemente, os honorários de auditoria devem ser maiores (Moreira, 2017). Martinez (2001) ressalta que os responsáveis por atestar a qualidade das demonstrações contábeis, devem prestar a atenção na possibilidade de gerenciamento dos resultados e, para tanto, é preciso definir procedimentos de auditoria capazes de capturar evidências e níveis risco de auditoria. Tais ações, segundo Ghosh e Tang (2015), pode trazer implicações diretas ao valor dos honorários cobrados pelos auditores.

A qualidade da auditoria é perceptível à medida que impulsiona a elaboração de demonstrações financeiras livres de distorções, omissões ou vieses relevantes, proporciona redução da assimetria informacional existente entre gestores e *stakeholders* (Becker et al., 1998) e limita a capacidade dos gestores em manipular informações (Desender et al., 2013). Logo, a qualidade da auditoria tende a restringir práticas de gerenciamento de resultados e, por conseguinte, elevar a qualidade da informação contábil.

2.3 Estudos relacionados e desenvolvimento da hipótese de pesquisa

Na presente literatura, encontram-se vários estudos que relacionam fatores que indicam uma associação entre a qualidade da auditoria e a qualidade da informação contábil, por exemplo, o tamanho da firma que refletem tanto a competência quanto a independência da auditoria (Cupertino & Martinez, 2008; Almeida & Almeida, 2009; Braunbeck, 2010), o tempo de prestação do serviço (Jenkins & Velury, 2008; Azevedo & Costa, 2012; DeFond & Subramanyam, 1998; Li,



2010), a especialização da firma de auditoria (Sun & Liu, 2011), o tipo de cliente (Koch *et al.*, 2012), bem como sua importância (Chin *et al.*, 2012), entre outros.

Moura *et al.* (2017) buscaram identificar os fatores que influenciam na qualidade da informação contábil das maiores empresas listadas na BM&Fvespa. Os resultados demonstraram que o fato de a empresa ser auditada por uma grande *big four* reflete em informações divulgadas de melhor qualidade, da mesma forma, também constataram Kouaib e Jarboui (2014), Shan (2015), Huguet e Gandía (2016) e Xue e Hong (2016). Esses achados suportam a ideia de que a qualidade da auditoria depende do auditor contratado (Kouaib & Jarboui, 2014; Huguet & Gandía, 2016). Assim, grandes firmas de auditoria, como as *Big Four*, podem fornecer serviços de qualidade superior e, por consequência, podem cobrar valor mais elevado de honorários.

Esta perspectiva de que os valores cobrados pelas firmas de auditoria podem refletir na qualidade da auditoria e, por consequência, na qualidade da informação contábil, baseia-se no seguinte argumento: valores elevados de honorários pagos aos auditores podem aumentar o esforço realizado por estes, culminando na melhoria da qualidade do serviço prestado (Hoitash *et al.*, 2007). Por outro lado, valores subavaliados de honorários pagos aos auditores podem diminuir o esforço no trabalho de auditoria e acarretar um serviço de baixa qualidade da auditoria (Gupta *et al.*, 2012) que, consequentemente, prejudica a qualidade da informação contábil.

Com base nos argumentos apresentados e considerando que a auditoria independente deve atuar no sentido de mitigar a assimetria informacional inerente à prática do gerenciamento de resultados, tem-se a seguinte hipótese alternativa de pesquisa:

Hipótese 1: A maior qualidade de auditoria independente reduz a probabilidade das empresas suavizarem seus resultados.

Ainda que, não haja um consenso na literatura, principalmente, na relação entre qualidade de auditoria e práticas de gerenciamento de resultados. Em que, se observa vários resultados divergentes. Santana *et al.* (2016) e Sena *et al.* (2020) verificaram se os níveis de gerenciamento de resultados se apresentam diferentes para as empresas brasileiras auditadas por firmas de auditoria *Big Four* e não *Big Four*. Ambos os autores concluíram que empresas auditadas pelas *Big Four* não apresentaram níveis de gerenciamento de resultados significativamente diferente das empresas auditadas pelas demais firmas de auditorias. Bianchet *et al.* (2019) investigaram os fatores determinantes da suavização de resultados e concluíram que a auditoria realizada por empresas denominadas *Big Four* implica positivamente na prática de suavização de resultados pelas empresas auditadas. Contrariando os achados, DeBoskey e Jiang (2012) e Silveira (2017) revelaram uma relação negativa entre qualidade da auditoria e prática de gerenciamento de resultados.

Desse modo, espera-se que, no mercado de capitais brasileiro, os honorários do auditor sejam negativamente relacionados com a prática de suavização de resultados pelas empresas auditadas, refletindo em melhor qualidade do serviço prestado e melhor qualidade da informação reportada.



3 Metodologia da Pesquisa

Este trabalho é descritivo, visto que procurou verificar se qualidade da auditoria independente afeta a probabilidade da suavização de resultados das companhias brasileiras listadas no segmento do Novo Mercado da B3, no período de 2016 a 2020. Para tanto, foi utilizado procedimento de pesquisa documental, com informações coletadas em bases de dados e tratadas por meio de métodos quantitativos de regressão logística e correlação de *Spearman*.

O universo da pesquisa é composto pelas companhias listadas no Novo Mercado da B3 na data de 22 de Agosto de 2021 e totalizou 203 empresas. Destas, 20 empresas do setor financeiro foram eliminadas por possuírem regulamentação contábil específica e por estrutura de capital ser diferente das demais empresas. Os dados foram coletados na base de dados Economatica, nos Formulários de Referência (FR) disponíveis no *website* da B3. Contudo, haja vista a indisponibilidade de dados ou a não segregação das informações sobre os honorários da auditoria, 46 empresas foram eliminadas da amostra. Por fim, amostra de pesquisa totalizou 137 empresas e 478 observações.

A escolha do segmento Novo Mercado se justifica pelo fato de que as empresas que o compõe apresentam boas práticas de governança corporativa, adotam políticas de divulgação de informações mais transparentes e abrangentes (Santos & Aguiar, 2019) e possuem maior confiabilidade nas informações financeiras (Souza & Silva, 2013). Como delimitação temporal, o período inicial foi o ano de 2016, devido as alterações normativas trazidas para elaboração novo Relatório do Auditor Independente (NRA) e que pode impactar nos honorários de auditoria. O período final foi o ano de 2020, devido a disponibilidade das informações financeiras das empresas.

Como *proxy* de suavização dos resultados foi utilizado o modelo de Eckel (1981). Tal modelo, classifica as empresas entre suavizadoras e não suavizadoras, partindo da premissa de que as receitas e os custos são lineares ao longo do tempo. Com isso, crescem ou diminuem proporcionalmente, quando não ocorre esse fenômeno. Logo, quando a relação não for linear pode ser um indicativo de interferência dos gestores para suavizar resultados. Para observar a relação entre lucro e receita de vendas, foram utilizados os coeficientes de variação do lucro e da receita de vendas. Quando o coeficiente do lucro for menor do que o da receita, demonstra que a organização está interferindo nos lucros suavizando-os de maneira artificial, ou seja, a empresa está usando artifícios para alcançar um resultado desejado. A Equação 1 mostra o modelo de *Eckel* (1981):

$$CVA\%\text{lucro líquido} \leq CVA\%\text{vendas} = \text{Suavização} \quad (1)$$

Em que:

- $CVA\%\text{lucro líquido}$ (coeficiente de variação do lucro): Lucro Líquido_t (lucro líquido do período) – $\text{Lucro Líquido}_{t-1}$ (lucro líquido anterior ao do período observado) / $\text{Lucro Líquido}_{t-1}$ (lucro líquido do anterior ao do período observado); e,
- $CVA\%\text{vendas}$ (coeficiente de variação das vendas): Receita_t (receita do período) – Receita_{t-1} (receita anterior ao do período observado) / Receita_{t-1} (receita anterior ao do período observado).

Para interpretação, tem-se que quando a apuração do lucro líquido for menor ou igual às receitas de vendas pode ser um indicativo que a empresa esteja suavizando os lucros de maneira artificial, conforme mostra a Equação 2:



$$0,9 \leq \left| \frac{CV\Delta\% \text{ lucro líquido}}{CV\Delta\% \text{ vendas}} \right| \leq 1,1$$

A equação indica que quando o índice obtido for menor que 0,9, a empresa manipula resultados e, se o índice obtido for maior que 1,1, a empresa não manipula os resultados.

Como *proxy* para mensurar a qualidade da auditoria independente foi adotado o valor dos honorários pagos aos auditores independentes, pois esse entendimento sugere que a qualidade da auditoria está associada aos valores elevados cobrados, bem como ao tamanho do escopo de trabalho e a quantidade testes efetuados e maior tempo horas para realização do trabalho, entre outros (Vafeas & Waagelein, 2007; Adelopo et al., 2012). Os valores dos honorários foram obtidos nos Formulários de Referência das empresas investigadas. Na análise descritiva, os honorários estão na sua forma original (milhares de reais) para facilitar a análise e interpretação.

Para explicar a suavização de resultados foram selecionadas as seguintes variáveis de controle: tamanho da empresa, alavancagem, retorno sobre o ativo e fluxo de caixa operacional. De acordo com Paulo et al. (2013), nos estudos de auditoria, as variáveis de controle são utilizadas para minimizar efeitos de endogeneidade sobre os resultados. A Tabela 1 mostra as variáveis da pesquisa.

Tabela 1
Resumo das variáveis da pesquisa

Variáveis	Métrica	Definição	Relação esperada	Referências
Índice de Suavização	$IS - Eckel = \frac{CV\Delta\% \text{ lucro líquido}}{CV\Delta\% \text{ vendas}}$	Identifica a razão entre a variação do Lucro Líquido e a variação da Receita Líquida Vendas.		Eckel (1981); Dechow et al. (2010); Almeida (2012)
Qualidade da auditoria	$HonAud = Ln (\text{Honorários Pagos})$	Logaritmo natural do valor pago aos auditores independentes	Negativa	Adelopo et al. (2012)
Tamanho	$Ln (\text{Ativo Total})$	Logaritmo natural dos ativos totais da empresa.	Negativa	Gu et al. (2005), Ribeiro e Colauto (2016)
Alavancagem	$Alav = \frac{\text{Passivo Oneroso}}{\text{Ativo Médio}}$	Representa o montante de exigibilidade de terceiros dividido pelo total dos ativos	Positiva	Castro e Martinez (2009) Ribeiro e Colauto (2016)
Retorno sobre o Ativo	$ROA = \frac{\text{Lucro Operacional}}{\text{Ativo Médio}}$	Expressa-se pela razão entre o lucro operacional da empresa e seus ativos.	Positiva	Michelson et al. (1995), Ribeiro e Colauto (2016)
Fluxo de Caixa Operacional	$FCO = \frac{\text{Fluxo de Caixa Operacional}}{\text{Ativo Médio}}$	Obtido pelo valor do fluxo de caixa operacional disponível na DFC ponderado pelos ativos.	Positiva	Cunha et al. (2019)

Nota: Foi utilizado os honorários pagos a auditoria em sua forma logaritma (log) apenas para efeito da regressão. Na análise descritiva dos dados, os montantes aparecem em termos reais (milhares).

Fonte: Elaboração própria (2021)

Após a classificação das empresas em grupos de suavizadores e não suavizadores por meio do modelo de Eckel (1981), foi realizada uma regressão logística (modelo *Logit*) com base nas



variáveis evidenciadas na Tabela 1. Destaca-se que, o modelo *Logit* é utilizado em estudos que tem como finalidade classificar a amostra em grupos distintos. Adicionalmente, tal modelo, busca avaliar a probabilidade de ocorrência de determinado evento com base no comportamento de variáveis explicativas. Desse modo, considerando que as empresas serão categorizadas por meio de uma variável dependente do tipo 1 para empresas suavizadoras e 0 para não suavizadoras, tem-se uma variável binária.

De acordo com Baltagi (2005), o modelo *Logit* utiliza probabilidades binominais, pois propõe avaliação de quais as variáveis independentes contribuem para aumento ou diminuição da probabilidade de ocorrência da variável dependente (Wooldridge, 2002). No presente estudo, pretende-se verificar a probabilidade de uma empresa ser suavizadora ou não suavizadora. Neste caso, a variável Y vai assumir o valor 1 no caso de ser empresa ser suavizadora de resultados e 0 no caso de ser uma empresa não suavizadoras, conforme mostra a equação 3.

$$\ln IS \left[\frac{p(y=1)}{p(y=0)} \right] = \beta_0 + \beta_1 HonAud_{it} + \beta_2 TAM_{it} + \beta_3 ALAV_{it} + \beta_4 ROA_{it} + \gamma SETOR_i + \delta ANO_t + \varepsilon_{it} \quad (3)$$

Em que:

IS_{it} = variável dependente, índice de suavização de Eckel como *proxy* para a Suavização de resultados; $HonAud_{it}$ = variável independente, honorários dos auditores como *proxy* de Qualidade da auditoria; TAM_{it} = variável de controle que indica o Tamanho da empresa;

$ALAV_{it}$ = variável de controle que indica o nível de Alavancagem; ROA_{it} = variável de controle que indica o Retorno sobre o Ativo Total; $\gamma SETOR_i$ = variável de controle que indica para setor; δANO_t = variável de controle que indica para ano; ε_{it} = Termo de erro do modelo.

4 Análise e Discussão dos Resultados

Conforme a Tabela 2, os resultados da estatística descritiva mostram que a média de honorários pagos a auditoria independente (*HonAud*), foi de R\$ 1.610.226,00 com mínimo de R\$ 47.156,00 e máximo de R\$ 15.200.000,00. Os resultados encontrados diferem das evidências apontadas por Schnidger et al., (2020) que, considerando o período de 2010 a 2015, revelaram um valor médio de honorários de R\$ 843.606,09 com mínimo de R\$ 17.748,00 e máximo de R\$ 11.596.500,00.

Observa-se que quando separada da amostra as empresas não suavizadoras, verifica-se que a média dos honorários pagos aumenta quando comparada com a média da amostra total. As empresas classificadas como não suavizadores apresentam média de honorários de R\$ 1.868.324,00, tendo como mínimo de R\$ 71.400,00 e máximo de R\$ 1.959.379,00. Por sua vez, as empresas suavizadoras obtiveram média de R\$ 1.568.152,00, sendo o menor honorários pagos das três amostras analisadas, com mínimo de R\$ 47.156,00 e máximo de 15.200.000,00, conforme Tabela 2.



Tabela 2

Estatística descritiva das variáveis com base no índice de Eckel (1981) no período 2016-2020

Painel A – Amostra total						
Variáveis independentes	N	Média	Desvio Padrão	Mediana	Mínimo	Máximo
HonAud	478	1.610.226	2.291.945	747.400	47.156	15.200.000
Tamanho	478	15,33	1,40	15,24	10,39	18,62
ROA	478	0,06	0,09	0,07	- 0,33	0,31
Alavancagem	478	0,22	0,18	0,18	0	0,81
FCO	478	0,07	0,08	0,07	- 0,18	0,27
Painel B – Empresas não suavizadoras de resultados 2016-2020						
	N	Média	Desvio Padrão	Mediana	Mínimo	Máximo
HonAud	67	1.868.324	2.455.164	835.500	71.400	10.800.000
Tamanho	67	15,15	1,61	14,90	10,39	17,74
ROA	67	0,02	0,14	0,07	- 0,33	0,31
Alavancagem	67	0,27	0,24	0,20	0	0,81
FCO	67	0,07	0,08	0,07	- 0,18	0,27
Painel C – Empresas suavizadoras de resultados 2016-2020						
	N	Média	Desvio Padrão	Mediana	Mínimo	Máximo
HonAud	411	1.568.152	2.264.606	746.400	47.156	15.200.000
Tamanho	411	15,36	1,37	15,26	10,42	18,62
ROA	411	0,07	0,08	0,07	- 0,33	0,31
Alavancagem	411	0,21	0,17	0,17	0	0,79
FCO	411	0,07	0,08	0,07	- 0,18	0,27

Fonte: Elaboração própria, 2021

De acordo com a Tabela 2, constata-se que as empresas não suavizadoras de resultados possuem maior média de honorários pagos a auditoria independente em relação as suavizadoras. O que reforça o argumento da literatura de que a maior qualidade de auditoria pode estar associada as empresas não suavizadoras, dado que os honorários representam o esforço da auditoria em prestar um serviço de melhor qualidade, e por conseguinte melhorar a qualidade da informação contábil (DeFond & Zhang, 2014). Por outro lado, as empresas suavizadoras podem estar associadas a menor qualidade da auditoria, visto que os valores dos honorários são menores, em média. A Tabela 3 apresenta a teste de correlação para verificação de associação entre as variáveis.

Tabela 3

Correlação de *Spearman*

Variáveis	HonAud	Tamanho	ROA	Alavancagem	FCO
HonAud	1				
Tamanho	0,5270***	1			
ROA	0,1527***	0,1692***	1		
Alavancagem	0,062	0,2248	-0,1844	1	
FCO	0,0780*	0,0655	0,5310***	-0,2224***	1

Estatisticamente significativo a um nível de significância de *10%, **5%, e ***1%.

Fonte: Elaboração própria, 2021

Para medir a correlação entre as variáveis utilizou-se da correlação de *Spearman* a fim de testar a relação entre os honorários pagos a auditoria (HonAud) com o Tamanho da empresa, o Retorno sobre Ativo (ROA), Alavancagem e Fluxo de Caixa Operacional (FCO). De acordo com a Tabela 3, observa-se que os honorários de auditoria (HonAud) tiveram relação positiva com o



Tamanho da empresa com nível de significância de 1%. Logo, pode-se inferir que quanto maior a HonAud, maior o tamanho da empresa auditada. Além disso, os honorários de auditoria relacionaram-se positivamente com o Retorno sobre Ativo com significância de 1%. Isso indica que quanto maior a HonAud, maior o ROA. Por fim, tem-se relação positiva ao nível de 10% de significância entre HonAud e Fluxo de Caixa Operacional.

A Tabela 4 apresenta os resultados e validações do modelo *Logit*. O modelo mostra que há pelo menos um parâmetro diferente de zero e, portanto, o modelo é estatisticamente válido. Considerando um *cutoff* de 0,50, o poder de classificação do modelo apontou para um percentual de acerto de 87,24, sendo 99,76% de acertos para as empresas do tipo suavizadora e de 10,45% para as empresas não suavizadoras. De forma geral, verifica-se a validação do modelo dentro dos critérios esperados.

Tabela 4

Resultados da regressão logística 2016-2020

Suavização de Resultados	Coefficiente	Efeito Marginal	Erro Padrão	P> Z
HonAud	-0,2918874*	-0,0298092	0,166039	0,079
Tamanho	0,2231831*	0,0227927	0,1341472	0,096
ROA	4,650265***	0,4749112	1,583966	0,003
Alavancagem	-1,560793*	-0,159397	0,8008492	0,051
FCO	-2,438765	-0,2490604	1,986161	0,219
Dummy para setor	SIM			
Dummy para ano	SIM			
	Nº de observações	478	Prob > chi2	0,0007
	Teste Hosmer-Lemeshow	0,9520	Pseudo R ²	0,1046
	Sensibilidade	99,76%	Especificidade	10,45%
	% de classificação do modelo	87,24%		

Estatisticamente significativo a um nível de significância de *10%, **5%, e ***1%.

Legenda: variáveis dependentes binárias IS – índice de suavização de Eckel (1981); variável independente ou explicativa HonAud – *proxy* para qualidade da auditoria calculada representada na sua forma logaritma; variáveis de controle, Tamanho – logaritmo natural do ativo; ROA – *proxy* para desempenho (retorno sobre ativo); ALAV – Nível de Alavancagem; FCO – Fluxo de Caixa Operacional.

Fonte: Elaboração própria, 2021

De acordo com a hipótese alternativa de pesquisa que indica que: a maior qualidade de auditoria independente reduz a probabilidade das empresas suavizarem seus resultados. O modelo *Logit* confirma essa hipótese alternativa (H1), visto que a qualidade da auditoria apresentou um coeficiente negativamente relacionado com a probabilidade da empresa ser classificada no grupo de empresas suavizadoras de resultados.

A variável qualidade de auditoria (HonAud) mostrou-se estatisticamente significativa dentro dos limites convencionais (*p-value* abaixo de 10%). Logo, sugere que quanto maior a qualidade da auditoria independente, menor a probabilidade de uma empresa praticar a suavização de resultados, e, portanto, não rejeitando-se a hipótese alternativa da pesquisa. Quanto ao efeito marginal da qualidade de auditoria (capturada pelo Ln dos honorários dos auditores) informa que o aumento de uma unidade nos honorários dos auditores, reduz em 2,98% a probabilidade de uma empresa



praticar a suavização de resultados.

Os resultados obtidos coadunam com achados DeBoskey e Jiang (2012) e Silveira (2017) de que grandes empresas de auditoria admitem menor extensão de suavização de resultados, em decorrência do risco de reputação envolvido. Corroboram também com Silveira e Dantas (2020), pois quanto maior forem os honorários pagos ao auditor, menor a amplitude dos accruals discricionários, ou seja, menor é a prática de gerenciamento de resultados pela auditada. Em contrapartida, as evidências da presente pesquisa contrariam os resultados de Bianchet et al. (2019), visto que as empresas auditadas por não Big Four evidenciaram menores níveis de suavização. Para os autores, as grandes firmas de auditoria (*Big Four*) são comumente consideradas como proxy para qualidade da auditoria.

No tocante às variáveis de controle, observou-se que apenas o Fluxo de Caixa Operacional não apresentou coeficiente significativo, as demais (Tamanho, Retorno sobre Ativo, Alavancagem) apresentaram significância estatística. O Tamanho apresentou coeficiente positivo e relação estatisticamente significativa com a variável dependente ao nível de 10%. Isso sugere que sugere empresas maiores aumentam a probabilidade de praticarem suavização de resultados. Os achados não refletem a relação esperada, de que o tamanho apresentaria uma relação negativa com a suavização de resultados (Gu, et al. 2005; Ribeiro & Colauto, 2016), isto é, a suavização de resultados no Brasil estaria mais relacionada com empresas de menor tamanho (Martinez & Castro, 2011). No entanto, está em linha com os apontamentos de Michelson et al. (1995) de que empresas maiores suavizam resultados com maior frequência, em razão de estarem mais sujeitas a uma maior avaliação por parte dos stakeholders em geral.

Quanto ao Retorno sobre Ativo, tem-se um coeficiente positivo e relação estatisticamente significativa a um nível de 1% com a variável dependente. Isso indica que uma rentabilidade mais elevada, aumenta a probabilidade das empresas praticarem suavização em seus resultados, corroborando com os achados de Michelson et al. (1995), Ribeiro e Colauto (2016).

No que se refere à Alavancagem, os resultados mostram um coeficiente positivo e relação estatisticamente significativa ao nível de 10%, o que indica que um maior nível de alavancagem diminui a probabilidade da empresa praticar suavização de resultados. O resultado do modelo vai ao encontro do resultado esperado, e pode ser indicativo de que os altos níveis de endividamento podem impor limites na atuação dos gestores, por parte dos credores através de garantias contratuais, conforme (Dichev & Skinner, 2002; Jung et al., 2013; Guttman & Marinovic, 2018). Todavia, tal resultado contrapõe o estudo de Martinez (2001), de que o endividamento pode ser um incentivo para que os gestores manipulem os resultados contábeis com a finalidade de modificar a percepção de risco quanto à capacidade de pagamento da empresa.

5 Conclusão

Este estudo verificou como a qualidade da auditoria independente afeta a probabilidade da suavização de resultados das companhias listadas no Novo Mercado da B3. Os achados apontaram que a qualidade da auditoria apresentou relação significativa e negativa com a prática de suavização de resultados das empresas analisadas. As evidências mostram que, em média, a qualidade da auditoria percebida por meio de honorários de auditoria contribui para a redução da prática de suavização de resultados (lucros).

O Modelo de Eckel (1981) permitiu identificar a ocorrência de gerenciamento de resultados e a classificação das empresas como suavizadoras e não suavizadoras para utilização no modelo *logit*. Os resultados dos testes do modelo indicaram que a qualidade da auditoria é um aspecto



relevante para inibir a prática de suavização de resultados. Portanto, uma maior qualidade da auditoria reduz a probabilidade das empresas serem classificadas no grupo de suavizadoras de resultados. Quanto em relação às variáveis de controle, nos anos de 2016 e 2020, mostraram-se relação significativa, o que aponta que tais fatores são relevantes e influenciam a realização de suavização de resultados, com exceção do fluxo de caixa operacional.

Assim, o objetivo da pesquisa foi atingindo e de acordo com as evidências encontradas, não se rejeita a hipótese alternativa de que a qualidade da auditoria percebida nas companhias investigadas, por meio dos honorários pagos aos auditores independentes, tende a reduzir a probabilidade de empresas manipularem resultados contábeis mediante a prática de suavização dos resultados. Esse resultado evidencia que a auditoria, como mecanismo de controle, pode ser uma motivação relevante para que os gestores de empresas não gerenciem resultados das empresas com a finalidade de reduzir a variabilidade dos lucros. Além disso, possibilita a redução do comportamento oportunista de gestores, aumentando a qualidade da informação contábil.

Apesar das contribuições da pesquisa, cabe mencionar que algumas limitações merecem ser destacadas, visto devido as escolhas metodológicas, como por exemplo, a utilização de abordagem não probabilística para a determinação da amostra e que algumas companhias não dispunham das informações necessárias para compor a pesquisa. Contudo, tais limitações não invalidam os resultados do estudo. Ademais, sugere-se que a relação proposta acerca da influência da qualidade de auditoria na suavização dos resultados seja também explorada em uma população de empresas brasileiras mais abrangente e em contextos de outro mercado de capitais para cotejamento de resultados.

Referências

- Adelopo, I., Jallow, K., & Scott, P. (2012). Multiple large ownership structure, audit committee activity and audit fees: Evidence from the UK. *Journal of Applied Accounting Research*.
- Almeida, J. E. F. de, & Almeida, J. C. G. de. (2009). Auditoria e earnings management: estudo empírico nas empresas abertas auditadas pelas big four e demais firmas de auditoria. *Revista Contabilidade & Finanças*, 20(50), p.62-74.
- Almeida, J. E. F. de, Sarlo Neto, A., Bastianello, R. F., & Moneque, E. Z. (2012). Effects of income smoothing practices on the conservatism of public companies listed on the BM&FBOVESPA. *Revista Contabilidade & Finanças*, 23(58), 65-75.
- Aguilera, R. V., Desender, K., Bednar, M. K., & Lee, J. H. (2015). Connecting the dots: Bringing external corporate governance into the corporate governance puzzle. *Academy of Management Annals*, 9(1), 483-573.
- Azevedo, F. B., & Costa, F. M. (2012) Efeito da troca da firma de auditoria no gerenciamento de resultados das companhias abertas brasileiras. *RAM Revista de Administração do Mackenzie*, 13(5), 65-100.
- Baltagi, B. H. (2005). *Econometric Analysis of Panel Data*. 3 ed. New York: John Wiley & Sons.
- Banghoj, J.; Plenborg, T. (2008). *Value relevance of voluntary disclosure in the annual report*. *Accounting & Finance*, 48(2), 159-180.
- Becker, C. L., DeFond, M. L., Jiambalvo, J., & Subramanyam, K. R. (1998). The effect of audit quality on earnings management. *Contemporary Accounting Research*, 15(1), 1-24.
- Bell, T. B., Landsman, W. R., & Shackelford, D. A. (2001). Auditors' perceived business risk and audit fees: Analysis and evidence. *Journal of Accounting Research*, 39(1), 35-43.



- Bianchet, T. D. A., Mazzioni, S., & de Moura, G. D. (2019). Determinantes da suavização de resultados contábeis em companhias abertas listadas na bolsa de valores do Brasil. *Contabilometria*, 6(2).
- Bortolon, P.M; Sarlo Neto, A.; Santos, T. B.(2013). Custos de Auditoria e Governança Corporativa. *Revista contabilidade & finanças* . v.24. p.61.
- Braunbeck, G. (2010). O. Determinantes da qualidade das auditorias independentes no Brasil. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Carcello, J. V., Hermanson, D. R., Neal, T. L., & Riley Jr, R. A. (2002). Board characteristics and audit fees. *Contemporary accounting research*, 19(3), 365-384.
- Castro, M. A. R., & Martinez, A. L. (2009). Income smoothing, custo de capital de terceiros e estrutura de capital no Brasil. RAM. *Revista de Administração Mackenzie*, 10, 25-46.
- Castro, W. B., Peleias, I. R., & Silva, G. P. (2015). Determinantes dos Honorários de Auditoria: um Estudo nas Empresas Listadas na BM&FBOVESPA. *Revista Contabilidade & Finanças*, 26(69), 261-273.
- Chin, W., Douthett, E. B., Jr., & Lisic, L. L. (2012). Client importance and audit partner independence. *Journal of Accounting and Public Policy*, 31(3), p.320-336.
- Choi, J. H., Kim, J. B., Lui, X. & Simunic, D. A. (2008). Audit pricing, legal liability regimes, and big 4 premiums: Theory and cross-country evidence. *Contemporary Accounting Research*, 25(1), 55-99.
- Cunha, P. R., Leite, M., & Moras, V. R. (2019). Efeito da troca da firma de auditoria no gerenciamento de resultados das companhias abertas brasileiras. *Contabilidad y Negocios: Revista del Departamento Académico de Ciencias Administrativas*, 14(28), 70-87.
- Cupertino, C., & Martinez, A. L. (2008). Qualidade da auditoria e earnings management risk assessment através do nível de accruals discricionários. *Contabilidade Vista & Revista*, 19(3), 69-93.
- DeAngelo, L. E. (1981). Auditor size and auditor quality. *Journal of Accounting and Economics*, 3(3), p.183- 199.
- DeBoskey, D. G., & Jiang, W. (2012). Earnings management and auditor specialization in the post-sox era: An examination of the banking industry. *Journal of Banking & Finance*, 36(2), 613-623.
- Dechow, P., Ge, W., & Schrand, C. (2010). Understanding earnings quality: A review of the proxies, their determinants and their consequences. *Journal of accounting and economics*, 50(2), pp. 344-401.
- DeFond, M. L., & Subramanyam, K. R. (1998). Auditor changes and discretionary accruals. *Journal of Accounting and Economics*, 25(1), 35-67.
- DeFond, M., & Zhang, J. (2014). A review of archival auditing research. *Journal of accounting and economics*, 58(2-3), 275-326.
- Desender, K., Aguilera, R. V., Crespi, R., & Garcia-cestona, M. (2013). When does ownership matter? Board characteristics and behavior. *Strategic Management Journal*, 34(7), 823–842.
- Dichev, I. D., & Skinner, D. J. (2002). Large-sample evidence on the debt covenant hypothesis. *Journal of accounting research*, 40(4), 1091-1123.
- Dichev, I. D., Graham, J. R., Harvey, C. R., & Rajgopal, S. (2013). Earnings quality: Evidence from the field. *Journal of Accounting and Economics*, 56(2-3), 1-33.
- Eckel, N. (1981). The income smoothing hypothesis revisited. *Abacus*, 17(1), 28-40.
- Faria, B. R., & Amaral, H. F. (2015). O gerenciamento de resultado através do income smoothing



- e a relação com o risco das ações: estudo empírico com empresas do Ibovespa. *Revista Contabilidade e Controladoria*, 7(1).
- Ghosh, A. A., & Tang, C. Y. (2015). Assessing financial reporting quality of family firms: The auditors' perspective. *Journal of Accounting and Economics*, 60(1), 95-116.
- Gu, Z., Lee, C. W. J., & Rosett, J. G. (2005). What determines the variability of accounting accruals?. *Review of Quantitative Finance and Accounting*, 24(3), 313-334.
- Gupta, P. P., Krishnan, G. V., & Yu, W. (2012). Do auditors allow earnings management when audit fees are low?. Available at SSRN 1836829.
- Guttman, I., & Marinovic, I. (2018). Debt contracts in the presence of performance manipulation. *Review of Accounting Studies*, 23(3), 1005-1041.
- Hoitash, R., Markelevich, A., & Barragato, C. a. (2007). Auditor fees and audit quality. *Managerial Auditing Journal*, 22(8), 761-786.
- Huguet, D., & Gandía, J. L. (2016). Audit and earnings management in Spanish SMEs. *BRQ Business Research Quarterly*, 19(3), pp. 171-187.
- Iudícibus, S. (2010). *Teoria da contabilidade*. 10ª. ed. São Paulo: Atlas.
- Jenkins, D. S., & Velury, U. (2008). Does auditor tenure impact the reporting of conservative earnings. *Journal of Accounting and Public Policy*, 27(2), 115-132.
- Jung, B., Soderstrom, N., & Yang, Y. S. (2013). Earnings smoothing activities of firms to manage credit ratings. *Contemporary Accounting Research*, 30(2), 645-676.
- Kazemi, H., & Nouri, S. (2012). The Effects of Earnings Smoothing on Earning Quality and Market Valuing in Environmental Uncertainty. *Interdisciplinary Journal of Contemporary Research in Business*, 3(10), 338-354.
- Knechel, W. R., Krishnan, G. V., Pevzner, M., Shefchik, L. B., & Velury, U. K. (2013). Audit quality: Insights from the academic literature. *Auditing: A Journal of Practice & Theory*, 32(Supplement 1), 385-421.
- Kim, I., Miller, S., Wan, H., & Wang, B. (2016). Drivers behind the monitoring effectiveness of global institutional investors: Evidence from earnings management. *Journal of Corporate Finance*, 40, pp. 24-46.
- Koch, C. W., Weber, M., & Wüstemann, J. (2012). Can auditors be independent? experimental evidence on the effects of client type. *European Accounting Review*, 21(4), 797-823.
- Kolozsvári, A. C., & Macedo, M. A. D. S. (2016). Análise da influência da presença da suavização de resultados sobre a persistência dos lucros no mercado brasileiro. *Revista Contabilidade & Finanças*, 27, 306-319.
- Lee, C.J., Liu C., Wang, T. (1999). The 150-hour rule. *Journal of Accounting and Economics*, 32, 385-42.
- Leuz, C., Nanda, D., & Wysocki, P. D. (2003). Earnings management and investor protection: An international comparison. *Journal of Financial Economics*, 69(3), 505-527.
- Li, D. (2010). Does auditor tenure affect accounting conservatism? further evidence. *Journal of Accounting and Public Policy*, 29(3), 226-241.
- Lopes, A. B., & Tukamoto, Y. S. (2007). Contribuição ao estudo do “gerenciamento” de resultado: uma comparação entre as companhias abertas brasileiras emissoras de ADRs e não-emissoras de ADRs. *Revista de Administração*, 42(1), 86-96.
- Luiz, I. G., Nascimento, M., & Pereira, L. C. S. (2008). Impacto do gerenciamento de resultados no retorno anormal: Estudo empírico dos resultados das empresas listadas na Bolsa de Valores de São Paulo-BOVESPA. *Anais do Congresso USP de Controladoria e Contabilidade*, São Paulo, SP, Brasil, 8.



- Martinez, A. L. (2001). "Gerenciamento" dos resultados contábeis: estudo empírico das companhias abertas brasileiras. Tese de Doutorado,. Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo.
- Martinez, A. L. (2013). Gerenciamento de resultados no Brasil: um survey da literatura. *Brazilian Business Review- BBR*, v.10, n.4, Vitória-ES, out.- dez. p 1-31,
- Martinez, A. L.; Cardoso, R. L. (2009) Gerenciamento da informação contábil no Brasil mediante decisões operacionais. *REAd. Revista Eletrônica de Administração*, v. 15, n. 3, p.1-27.
- Martinez, A. L., & Castro, M. A. R. (2011). The smoothing hypothesis, stock returns and risk in Brazil. *BAR-Brazilian Administration Review*, 8(1), 1-20.
- Michelson, S. E., Jordan-Wagner, J., & Wootton, C. W. (1995). A market based analysis of income smoothing. *Journal of Business Finance and Accounting*, 22, 1179-1194.
- Moura, G. D., Zanchi, M. M., Mazzioni, S., Macêdo, F. F., & Krueger, S. D. (2017). Determinantes da qualidade da informação contábil em grandes companhias abertas listadas na BM&FBOVESPA. *Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade (repec)*, 11(3).
- Moreira, F. D. S. (2017). Qualidade e honorários de auditoria: um estudo das companhias listadas na BM&FBOVESPA (Master's thesis, Brasil).
- Paulo, E., & Martins, E. (2007). Análise da qualidade das informações contábeis nas companhias abertas. *Anais do Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração*, São Paulo, SP, Brasil, 31, pp. 1-16.
- Paulo, I. I. S. L., Cavalcante, P. R. N., & Paulo, E. (2013). Relação entre qualidade da auditoria e conservadorismo contábil nas empresas brasileiras. *Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade (REPeC)*, 7(3).
- Piot, C., & Janin, R. (2005). Audit quality and earnings management in France. *Available at SSRN* 830484.
- Portulhak, H., Raffaelli, S. C. D., da Silva, P. Y. C., & Soares, R. O. (2014). Alisamento de resultados e utilização de instrumentos derivativos em empresas não financeiras listadas na BM&FBovespa. *Enfoque: Reflexão Contábil*, 33(2), 105-119.
- Ribeiro, F., & Colauto, R. D. (2016). A relação entre board interlocking e as práticas de suavização de resultados. *Revista Contabilidade & Finanças*, 27, 55-66.
- Rodrigues, J. M., & Niyama, J. K. (2018). Qualidade da Informação Contábil: Uma Análise da Adoção dos Padrões Internacionais de Contabilidade pelos Países que compõe o G-7 e BRICS. *Enfoque Reflexão Contábil*, 37(4), 33-48.
- Ruddock, C., Taylor, S. J., & Taylor, S. L. (2006). Nonaudit services and earnings conservatism: Is auditor independence impaired?. *Contemporary Accounting Research*, 23(3), 701-746.
- Rydqvist, K., Schwartz, S. T., & Spizman, J. D. (2014). The tax benefit of income smoothing. *Journal of Banking & Finance*, 38, 78-88.
- Santana, A. G., Bezerra, F. A., Teixeira, S. A., & Cunha, P. R. D. (2016). Auditoria independente e a qualidade da informação na divulgação das demonstrações contábeis: estudo comparativo entre empresas brasileiras auditadas pelas big four e não big four. *Revista de Contabilidade do Mestrado em Ciências Contábeis da UERJ*, 19(3).
- Santos, A. S., & Aguiar, I. L. D. O. (2019). Influência da Auditoria sobre o Gerenciamento de Resultados em Empresas Listadas no Segmento Novo Mercado. In *X Congresso Nacional de Administração e Contabilidade-AdCont 2019*. IAG PUC-Rio.
- Schnidger, C., Costa, C. M., & Pereira, V. B. (2020). Análise da Relação entre Estrutura de Mercado das Firms de Auditoria e os Honorários de Auditoria Cobrados de Empresas Brasileiras. *Contabilidade, Gestão e Governança*, 23 (2), 235-255.



- Scott, W. R. (2012). *Financial Accounting Theory* (6th ed.). Toronto, CA: Pearson Canadá.
- Silva, A. D., Pletsch, C. S., Vargas, A. J. D., Fazolin, L. B., & Klann, R. C. (2016). Influência da auditoria sobre o gerenciamento de resultados. *Revista de Contabilidade do Mestrado em Ciências Contábeis da UERJ*, 19(3).
- Silveira, E. D. D. (2017). Remuneração anormal do auditor e a prática de gerenciamento de resultados.
- Silveira, E. D., & Dantas, J. A. (2020). Remuneração do Auditor e a Prática de Gerenciamento de Resultados. *Revista Inovar Contábil*, 1(1).
- Simunic, D. A. (1980). The Pricing of Audit Services: Theory and Evidence. *Journal of Accounting Research*, 18(1), 161.
- Souza, R. C., & Silva, L. M. (2013). Análise dos relatórios de auditoria independente das empresas do Novo Mercado. *Revista ConTexto*, 13(25), pp. 55-69.
- Sousa, A. M., Ribeiro, A. M., Vicente, E. F. R., & Carmo, C. H. S. (2020). Suavização de Resultados e Comparabilidade dos Relatórios Financeiros: Evidências em Empresas Abertas do Mercado Brasileiro. *Revista de Contabilidade e Organizações*, 14(1), 1-18.
- Sloan, R. (2001). *Financial accounting and corporate governance: a discussion*. *Journal of Accounting and Economics*, 32, 335-347.
- Stoduto, B. D., de Araújo Rezende, L., & Júnior, A. C. B. (2021). Book-Tax Differences Anormais, Suavização dos Resultados e Real Earnings Management em Empresas de Capital Aberto Listadas no Brasil. *Revista Universo Contábil*, 16(1), 75-98.
- Sun, J. A., & Liu, G. (2011). Industry specialist auditors, outsider directors, and financial analysts. *Journal of Accounting and Public Policy*, Baltimore, 30(4), 367-382.
- Vafeas, N., & Waagelein, J. F. (2007). The association between audit committees, compensation incentives, and corporate audit fees. *Review of Quantitative Finance and Accounting*, 28(3), 241-255.
- Vidotto, R. S.; Migliato, A. L. T.; Zambon, A. C. (2009). O Moving average convergencedivergence como ferramenta para a decisão de investimentos no mercado de ações. *Revista de Administração Contemporânea*, 13(2): 291-309.
- Wooldridge, J. M. (2002). *Econometric analysis of cross section and panel data*. Cambridge, MASS: MIT, PRESS